

lado de V. Exa. e me enchia de piedade porque os funcionários da Sorocabana, nas vésperas do Natal, ficariam sem alimentos e remédios, fui saber do Sr. Presidente Diretor da Estrada de Ferro Sorocabana — e falei-lhe há poucos instantes pelo telefone — e o Dr. Urbano desmentiu de maneira absoluta, com toda segurança, a notícia que V. Exa. veiculou, secundada, vestida e revestida de um pomposo protesto. Quero dizer a V. Exa. ainda, nobre deputado, que no que diz respeito à bancada do Partido Social Progressista, talvez V. Exa. tenha cometido uma injustiça ao salientar o meu nome como um homem honesto do P. S. P. Eu afirmo que na minha bancada todos são honestos e decentes e do meu convívio com os meus colegas de bancada nesta Casa tenho aprendido muito. E tenho verificado, e o digo sem nenhum falso orgulho, sem falsa modestia, que me envaldece de verificar que nesta Casa a bancada do Partido Social Progressista — os deputados individualmente e a equipe que forma neste parlamento — goza de excelente conceito. Quanto ao fato de possivelmente não haver lugar no Partido Social Progressista para os honestos, até o fim deste mandato, e ao fato de causar admiração a V. Exa. sermos presos ao governador pelo coração, quero dizer que realmente o Sr. Governador não é um homem perfeito; é um homem cheio de falhas, é um homem cheio de defeitos, como outros também o são. V. Exa. sabe que o Sr. Jânio Quadros também não é um homem perfeito, é um homem que cometeu terríveis falhas — e talvez a mais terrível de todas, a de fugir à responsabilidade da presidência da República no momento em que o Brasil inteiro confiava em S. Exa. E V. Exa. sabe que o Sr. Jânio Quadros chegou à presidência da República por uma maioria expressiva de votos dos brasileiros. O nobre deputado Araripe Serpa, que é uma das figuras singulares desta Casa, pela sua combatividade, pela sua sinceridade, pela sua veemência, pelo seu entusiasmo pelas causas que abraça, nem por isso deixou de ficar preso ao Sr. Jânio Quadros por eles de amizade, a ponto de afirmar mesmo que é móvel e utensílio do Sr. Jânio Quadros. De modo que, nobre deputado, não pense V. Exa. que faz alguma crítica a nós por estarmos ao lado do Sr. governador. Somos do Partido Social Progressista, fomos eleitos pelo Partido Social Progressista, e outro papel não será o nosso enquanto estivermos figurando nesta bancada. Muito obrigado a V. Exa. pela generosidade do aparte. Que frisar a V. Exa. que a referência que fiz ao nobre deputado Araripe Serpa não tem nenhum intuito de desmerecê-lo ou à sua atuação. Quis apenas justificar a minha com a atuação de S. Exa.

O SR. JOSÉ LURTZ SABIA — Agradeço o aparte de V. Exa. V. Exa. diz que telefonou ao diretor da Estrada de Ferro Sorocabana e que este afirmou a V. Exa. que não há falta de medicamentos e nem de alimentos para os 194 cidadãos suspensos pela direção da Estrada de Ferro Sorocabana; não há nenhuma repreensão contra eles.

Pois bem, nobre deputado, eu vou, depois que me retirar desta tribuna, pedir a relação nominal dos funcionários que não têm direito de retirar medicamentos e alimentos da cooperativa e ainda estão sem receber os 23 dos vencimentos que lhes são devidos. Ainda mais: vou trazer a esta Casa a relação dos funcionários que foram suspensos por 30 dias e agora receberam novo comunicado de mais 30 dias de suspensão, para que V. Exa., então de posse desse material, possa dizer ao diretor que dê amanhã, no dia de Natal, medicamentos e alimentos às famílias desses funcionários e que não lhes aplique pena em dobro, suspensão de 30 dias com a prorrogação de mais 30 dias, como aplicou.

Quanto à outra parte, em que fiz referência à posição de V. Exa. nesta Casa, não pretendo cometer nenhuma injustiça. Apenas citei fatos. Não que quero cometer nenhuma injustiça a quem quer que seja. No que se refere ao aspecto da personalidade do Sr. Governador Adhemar de Barros e o ex-Presidente da República Jânio Quadros, digo que há uma grande diferença. Todos conhecem a personalidade do Sr. Jânio Quadros, que ao assumir o governo de São Paulo o encontrou completamente exaurido nas suas finanças, com os pagamentos atrasados, ao ponto de ninguém querer vender ao Estado. O Estado de São Paulo, na época em que o Governador Jânio Quadros tomou posse, não tinha crédito. Havia escândalos em todos os setores administrativos. E ninguém desconhece o regime de austeridade empregado por S. Exa. no governo paulista, entregando-o ao seu sucessor em condições de fazer um governo espantoso. A projeção alcançada pelo Sr. Jânio Quadros, entre os anos de 1934/1938, fez com que 6 milhões de brasileiros, de todos os rincões de nossa pátria, o conduzissem à Presidência da República, através de um movimento que a nação jamais assistira em toda a sua história. Este humilde deputado, mudo modesto, filho do Nordeste, percorreu os Estados do Brasil inteiro, sozinho, numa pregação cívica, e sentia o calor, a esperança de seu povo na personalidade do Sr. Jânio Quadros e no governo de austeridade e de decência que fizera. Qual é o brasileiro, nos quadrantes desta pátria, que nega a austeridade e decência, também nos sete meses de governo do Sr. Jânio Quadros na Presidência da República? Nem os próprios adversários, que nele não votaram, negam-nas. Qual é o brasileiro que aponta uma falha sequer nesses sete meses de governo do Sr. Jânio Quadros? A renúncia? Ah! a história é longa e precisa ser contada. Por que o Sr. Carvalho Pinto deixou o Ministério da Fazenda há alguns dias? Por que renunciou ao Ministério da Fazenda? Por que razão? Ah! meu caro amigo, existe a maquiavélica máquina política, montada neste país.

O Sr. Gilberto Siqueira Lopes — V. Exa. concede um aparte?

O SR. JOSÉ LURTZ SABIA — Concedo-lhe-lhe logo. Apenas quero contar um aspecto pitoresco da vida desta nação. Em 1930

o Brasil se levantou, num movimento revolucionário, pregando uma reforma da estrutura deste país. Saiu o Rio Grande do Sul, levantaram-se os Estados nordestinos e a revolução foi vitoriosa. Em 1932, os homens de 1930 sufocaram São Paulo, num movimento revolucionário constitucionalista. Os mesmos homens que sufocaram São Paulo em 1932, em 1937, repetindo o golpe de 1930, instituíram o Estado Novo, dando um golpe de estado. Em 1937, os mesmos homens de 1930, de 1932 e de 1934 instituíram o Estado Novo. Em 1945, os mesmos homens de 1939 fizeram a revolução. Os mesmos que sufocaram São Paulo em 1932, os mesmos que deram o golpe e instituíram o Estado Novo, derrubaram Getúlio Vargas. Por incrível que pareça, os mesmos homens de 1930, 1932, 1937, 1945, 1946, elegiam Getúlio Vargas em 1950. E esses mesmos homens, por paradoxal que pareça, derrubaram Getúlio Vargas em 1954 e, por incrível que pareça, elegeram Juscelino Kubitschek. Jânio Quadros não participou da vida do Brasil, de 1930 a 1960. Era uma figura diferente; era uma figura completamente divorciada de todos os movimentos; era uma semente lançada no plântio de Piratininga, frutificada aqui com bons exemplos de uma grande administração. Ora, se ele não participou das ações de 1930, 1932, 1937, 1946, 1945, 1950, 1954 e 1955, se não tinha raízes profundas nas bases militares e políticas da nação, se, ao assumir a Presidência da República, contrariou todos os interesses escusos desta nação sacrificada, dessa nefasta política dos negócios, do empreguismo e das vantagens pessoais, que frutifica em todos os parlamentos da República, que nasce nos gabinetes, não poderia ele mudar o ritmo, pacificamente, dessa nefasta, dessa horrível, dessa horripante política dos conchavos, dos aconchegos. Não poderia ele permanecer. Tinha, então, dois caminhos; ou fazer uma revolução, fechando o Congresso, impondo uma ditadura, ou renunciar. Fechar o Congresso feria frontalmente os seus princípios democráticos. Ele não iria realizar o governo sonhado, preferiu renunciar à Presidência da República. Esse foi um ato extraordinário. Um homem renunciou ao apogeu, ao conforto, às vantagens. Se ele quisesse, estaria perpetuado na Presidência da República. Se Jânio Quadros concedesse algumas vantagens pessoais, pequenas, para esses macacos que destroem a nação, eles iriam arranjar uma maneira fabulosa de tirá-lo da sua máquina maquiavélica uma forma de prorrogação do mandato, promoveriam a reforma da Constituição e Jânio seria reconduzido à Presidência, se quisesse. Mas há uma diferença muito grande. V. Exa. diz que o Sr. Jânio Quadros fugiu da Presidência, que renunciou ao mandato. Digo a V. Exa., nobre deputado Gilberto Siqueira Lopes: deixou o cargo ao qual foi conduzido por 6 milhões de brasileiros. No entanto, o seu chefe, o seu líder fugiu de São Paulo com medo da cadeia e foi para Cochabamba. Há grande diferença. Um renunciou à Presidência da República, outro fugiu com medo da cadeia.

O Sr. Gilberto Siqueira Lopes (Com assentimento do orador) — Seria breve, nobre deputado. Falei o mínimo possível, mesmo porque aprendi em minha casa, desde menino, que quem fala muito dá bom dia a cavalo. V. Exa. interpretou mal as palavras que proferi em aparte que V. Exa. generosamente me concedeu anteriormente. Salientei o episódio, que é histórico, que é indiscutível e que causou mal estar, porque, segundo ouço dizer, o próprio Sr. Jânio Quadros reconheceu que talvez fosse melhor não ter renunciado naquela ocasião. Não ofendi o Sr. Jânio Quadros. Não proferi palavras que pudessem manchá-lo, na sua honra, nem no que concerne à sua atuação como político, como presidente. Apenas salientei o fato histórico. V. Exa. partiu, permita-me a expressão, para a ignorância e alcaça, com palavras violentíssimas o Governador de São Paulo, e procura traçar um paralelo que eu não procurei, mesmo porque considero odiosas as comparações entre o atual governador e o ex-governador. V. Exa., como fato central em seu discurso, realça a renúncia do Sr. Jânio Quadros e diz que a renúncia foi um gesto de desprezimento. Talvez tenha sido. Entretanto quero dizer a V. Exa. que não compreendo, que passo a não compreender-lhe no momento em que S. Exa. se candidata a Prefeito de São Paulo.

— É dado um contra-aparte. O Sr. Presidente faz soar a campainha.

O Sr. Gilberto Siqueira Lopes — Vou repetir a informação que o nobre deputado Onofre Gossien dá em contra-aparte, para que conste de seu discurso. O nobre deputado Onofre Gossien acaba de afirmar que o Sr. Jânio Quadros dispensou oito mil funcionários e depois nomeou quarenta e quatro mil. Não era este fato que queria que V. Exa. abordasse porque não sei da veracidade da afirmação, infelizmente. Todavia quero dizer a V. Exa. ainda para reparar uma injustiça, o seguinte: naquela parte do seu discurso, em que V. Exa. diz que o Sr. Jânio Quadros apañou o Governo desmantelado — deveria acrescentar que o Governador anterior era o Sr. Lucas Nogueira Garcez — que o Sr. Jânio Quadros foi governante austero, que pôs São Paulo de pé e que ele era merecedor do bom conceito, do aprego e prestígio popular, e que por isso se elegeu Presidente da República; que foi um gesto de desprezimento que S. Exa., renunciou; que não há termo de comparação entre o atual governador e o presidente renunciante. São os pontos abordados por V. Exa. Todavia, nobre deputado, ambos voltaram à pucina eleitoral e ambos foram candidatos ao Governo de São Paulo. E foi o povo que conduziu o Sr. Adhemar de Barros à vitória e aos Campos Elísios e foi o povo que afastou o Sr. Jânio Quadros da governança estadual. Agora ele é candidato a Prefeitura de São Paulo, depois de ter renunciado à Presidência da República. O que invalida, neutraliza, isola qualquer afirmação de que a renúncia foi um gesto de desprezimento cívico.

O SR. JOSÉ LURTZ SABIA — Muito

obrigado, nobre deputado Gilberto Siqueira Lopes.

O Sr. Israel Dias Novaes — V. Exa. me concede um aparte?

O SR. JOSÉ LURTZ SABIA — Apenas vou responder ao nobre deputado Gilberto Siqueira Lopes. Não era minha intenção responder asperamente a V. Exa., nobre deputado. Aqui não tenho preocupação para defender o Sr. Jânio Quadros. Apenas estou fazendo justiça. Também não é meu chefe, porque não tenho chefe. E meu amigo pessoal, a quem dedico respeito e atenção, por suas virtudes, reconhecendo também em S. Exa. alguns defeitos, mas que não são comprometedores. Todos nós temos defeitos e eu não sou autômato de ninguém, sou um homem auto-suficiente. Esta é a minha posição.

Quanto a postular votos, isto cabe a cada cidadão. Acredito que nem seja o Sr. Jânio Quadros que esteja querendo ser candidato a Prefeitura. Tanto isto é verdade que ele mandou uma carta neste sentido ao M.T.R. e fez uma declaração taxativa dizendo que não buscava o apoio do meu partido. O P.T.N. é que o lançou sem consulta. E V. Exas. podem ir às vilas de São Paulo e às portas de fábrica para ver que o Sr. Jânio Quadros não precisa nem sair de casa para ganhar a eleição. Ele tem três grandes cabos eleitorais trabalhando ativamente: o Governador de São Paulo, o Presidente da República e a própria situação nacional. Ele fica em casa e ganha tranquilamente a eleição para a Prefeitura. O que se vê por aí é um movimento espontâneo no sentido de levá-lo à Prefeitura de São Paulo, coisa que ninguém pode desconhecer, de maneira nenhuma. Isto é palpável, querem de volta o seu líder político. E digo mais, já percorri o Interior e senti que o povo do Interior vai levá-lo para a governança de São Paulo em 66 tranquilamente, porque só existem duas forças políticas em São Paulo: Jânio Quadros e Adhemar de Barros. Adhemar não é o candidato a Prefeito e Jânio já ganhou a eleição. Depois, Adhemar não será candidato a Governador e Jânio já ganhou a eleição. Era este o aspecto que queria explicar ao nobre deputado Siqueira Lopes. Jânio Quadros não está postulando a Prefeitura nem o Governo do Estado. Quando foi candidato perdeu por poucos votos porque o Governador Carvalho Pinto entendeu de ter seu próprio candidato. De maneira que essa é a situação que se me afirma. Quando um político chega a determinada posição ele já não mais se dirige, é dirigido, é buscado pelo povo e ele é um líder que ninguém pode contestar. Mesmo que eu não votasse em Jânio Quadros, quem pode contestar o seu prestígio quando concorreu sozinho pela governança do Estado e teve mais de um milhão de votos? Quem pode contestar isto? Ninguém.

O Sr. Israel Dias Novaes (Com assentimento do orador) — Nobre deputado José Lurtz Sabia, V. Exa. está fazendo o discurso mais perigoso da sua movimentada ação parlamentar. Isto porque V. Exa., não sem certa petulância, tenta explicar um fenômeno até aqui inexplicável, isto é, V. Exa. busca interpretar a renúncia do Sr. Jânio Quadros de maneira assim mais ou menos afirmativa, com uma segurança que pode ficar bem a V. Exa., mas quem sabe não fica bem para a verdade histórica. Em todo caso, convém deixar claro que V. Exa. está apresentando a sua versão dos fatos, que pode não ser verdadeira. V. Exa. vê o fenômeno de fora. Porque fosse essa a versão verdadeira, então um dos mistérios históricos do Brasil estaria solucionado e V. Exa. estaria neste momento recebendo aclamação da Casa inteira e forneceria manchetes para os próximos jornais. Mas V. Exa., com muita boa vontade, oferece a sua interpretação pessoal da coisa. V. Exa. imagina as razões que levaram o Sr. Jânio Quadros a este gesto misterioso e assustador para os nossos festos políticos. Eu também tive a tentação de acolher esta interpretação de V. Exa., mas recebi outras, igualmente plausíveis ou também sem plausibilidade, porque este assunto é que é implausível e não a versão. Mas V. Exa. mostra-se mais uma vez esforçado, desenvolve grandes esforços para decidir uma questão histórica que creio que nem a personagem principal está em condições de o fazer.

Mas, quando digo que V. Exa. faz um discurso perigoso, faço questão de falar sobre o risco em que V. Exa. incorre quando invade a história recente do Brasil. Este é o terreno mais pantanoso, da América Latina no mínimo. Quando V. Exa. tenta restaurar a caminhada política do Sr. Adhemar de Barros, V. Exa. magoa certamente os discípulos amados do chefe populista, porque bem sabe V. Exa. que não existe carreira mais tortuosa, contraditória e paradoxal do que esta. Basta ver, nobre deputado, a data em que o Sr. Adhemar de Barros começou a sua carreira política, — e chamo em abono da minha tese o ilustre Presidente desta Casa, deputado Ciro Albuquerque, para conferir estas informações. — Foi em 1932. V. Exa. ainda choramingava no Ceará e o Sr. Adhemar de Barros já estava aqui, de farda, não sei se na vanguarda ou na retaguarda, porque S. Exa. é médico, porque o soldado mais cômodo é o médico: fica atrás enquanto os outros ficam se preparando para ser atendidos por ele. Só não sei se S. Exa. ficou atrás ou na frente. Abro este crédito: foi soldado e imagino que ficou na frente. Depois, vieram os outros episódios desta revolução: aderir ou não aderir, até que o Sr. ditador descobriu uma figura para entregar o governo de São Paulo.

— (SÃO DADOS APARTES ANTI-REPUBLICANOS. O SR. PRESIDENTE FAZ SOAR A CAMPAINHA.)

O Sr. Israel Dias Novaes — S. Exa. entrava e saía pelos fundos do Catete. E não

começou só a sua carreira política; aí começou o rol das traições. Então o soldado de 1932 despiu a sua farda de voluntário e começou a frequentar os fundos do palácio, até que naquele instante em que paulista nenhum aceitava — os paulistas de raça, os paulistas ensanguentados de 1932 — aceitava, veio aquele cidadão e aceita ser agente do ditador em São Paulo. E naquele tempo — eu tinha 12 anos — dizia-se que vários paulistas se haviam proposto assassinar o ditador, fazer um atentado a S. Exa., e ouvia-se mesmo nas ruas o nome do jovem médico Adhemar de Barros que quando se pensava que ia aparecer nas manchetes como o matador, aparece como agente de S. Exa. V. Exa. não sabe porque estava então em outras plagas naquela época, mas o Sr. Adhemar, como agente do ditador em São Paulo, foi convidar S. Exa. para visitar São Paulo ainda fumegante, ainda mal ferido, foi convidar o ditador para, junto com ele, correr as ruas de São Paulo. E outra coisa, nobre deputado, como paulista e brasileiro não esquecerei jamais: convidou o ditador para, juntos, inaugurarem a Avenida 9 de Julho em São Paulo, para inaugurarem a Avenida que marca para sempre na História Paulista a lembrança da revolução contra aquela personagem que descerava a placa. Isto fez o Sr. Adhemar de Barros. E quanto ao comunismo, S. Exa., que é o campeão das liberdades públicas, S. Exa., que é o campeão da democracia, o anticomunista, o cruzado, e que em companhia do Padre Baleeiro saiu por aí combatendo o comunismo...

O SR. JOSÉ LURTZ SABIA — Lembrou-me de 1947.

O Sr. Israel Dias Novaes — É verdade. V. Exa. já havia sido importado. Houve um momento na História paulista em que o Sr. Adhemar de Barros, que já havia brigado com o Sr. Getúlio Vargas porque havia sido exonerado e depois já havia ficado de bem de novo com Getúlio, junto com este se associar a um terceiro e formaram um a frente política em São Paulo. E sabe V. Exa. quem era o terceiro? Luis Carlos Prestes! Eu era redator político e vi os três de braços dados no Anhangabaú prestigiando o mesmo candidato, se não me engano o Sr. Ciriilo Júnior. Então, o Sr. Adhemar de Barros custeava e exhibia o Partido Comunista. E mais, foi eleito governador de São Paulo pelo Partido Comunista.

Sabe V. Exa. — e não nego meu testemunho à História — que um dia, como repórter político, fui ao Tribunal Eleitoral para saber quem o Partido Comunista registrara como candidato. Na última hora, no último dia de registro, chegaram Mário Scheemberg e Caio Prado Júnior, para, afinal, registrarem o nome inesperado do Sr. Adhemar de Barros. Agora, S. Exa. é um cruzado. Esta carreira de incoerência, de contradições e, sobretudo, de traições está, agora, como elmo, como arma de defesa contra o comunismo. Então, o conceito é o seguinte: anticomunismo não por motivos ideológicos, mas por motivos eleitorais. Temos, portanto, um rol de traições, um rol de conveniência. V. Exa. entrou numa areia movediça. Não continue seu discurso neste sentido, porque irá aborrecer muita gente nesta Casa.

O SR. JOSÉ LURTZ SABIA — Muito obrigado a V. Exa. pelo seu aparte, nobre deputado Israel Dias Novaes.

O projeto em discussão é o de n.º 1995, mas

O Sr. Gilberto Siqueira Lopes — V. Exa. permite um aparte?

O SR. JOSÉ LURTZ SABIA — Repito, aqui, a célebre frase de Abraham Lincoln: "Posso não concordar com as teses que V. Exas. defendem, mas darei toda oportunidade para que V. Exas. tenham o direito de defendê-las", porque este é o espírito democrático.

Tem o aparte o nobre deputado Gilberto Siqueira Lopes.

O Sr. Gilberto Siqueira Lopes — Em primeiro lugar, nobre deputado José Lurtz Sabia, para que a história, futuramente, ao tratar de sua vida de brilhante parlamentar não incorra em erro, desejo fazer reparo à afirmativa do nobre deputado Israel Dias Novaes, quando disse que V. Exa., por volta de 1932, época da revolução, quando vivia no Ceará, dava seus primeiros vagidos, fazia ouvir sua voz através do choro, eu acho que é um grande engano do deputado Israel Dias Novaes. A presunção mais correta é que naquela altura V. Exa. já ensaiava os primeiros gestos e emitia os primeiros sinais de sua eloquência futura que veio dar brilho a este parlamento. Nobre deputado José Lurtz Sabia, V. Exa. falava no seu discurso sobre o Projeto de Lei n.º 1975-63, lamentava que na véspera do natal o Sr. Governador houvesse suspenso o fornecimento de gêneros e alimentos aos funcionários da Sorocabana, notícia que já foi desmentida pelo diretor daquela Estrada, notícia que ouvi pessoalmente daquele diretor. Entretanto, vejo que V. Exa., mesmo sendo véspera de natal, impede através de discussão a aprovação deste projeto que concede auxílio à Caixa Beneficente da Guarda Civil para a instalação de seu Hospital e Maternidade. Quero fazer um apelo a V. Exa. no sentido de que V. Exa. deixe de obstruir esse projeto para que esse Hospital e Maternidade das Guardas-Civis receba os melhoramentos indispensáveis que o Governo deseja oferecer.

O SR. JOSÉ LURTZ SABIA — Apresento-me em deixar a tribuna porque estou de acordo com esta medida. Acontece que aqui a verba falhada...

O SR. PRESIDENTE — (Fazendo soar a campainha) — A Presidência lembra o nobre orador que lhe restam 5 minutos do seu tempo.

O SR. JOSÉ LURTZ SABIA — ...é para a construção do hospital e maternidade